

TONY BELLOTTO

Machu Picchu



Copyright © 2013 by Tony Bellotto

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Retina_78

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Isabel Jorge Cury

Marise Leal

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bellotto, Tony
Machu Picchu / Tony Bellotto; tradução — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2245-8

1. Romance brasileiro I. Título.

13-01120

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

I

1.

Um homem percebe que está numa encruzilhada quando se tranca em sua sala no último andar do Dreyfuss e Macedo Advogados, senta-se à mesa encarando o Mac com monitor de vinte e seis polegadas — atrás do computador, a janela que emoldura o Pão de Açúcar surge como um fundo difuso —, abre a braguilha e começa a manusear o próprio pênis enquanto W19, quase nua no Skype — ela calça sapatos de salto —, se contorce em manobras que permitem a visão concomitante — sou advogado, o que justifica o uso de palavras idiotas como *concomitante* e a construção de parágrafos truncados e aparentemente sem fim — do rostinho sorridente e vermelho pendendo de ponta-cabeça entre as coxas, dos peitinhos quase inexistentes mirando o chão, da bunda torneada e do cuzinho *rosé* como o vértice de uma pirâmide, de parte da bucetinha depilada — lisinha, lisinha — com o grelo destacado por dedinhos melados e das longas pernas de antílope, ou de maneca, tanto faz, abertas num V ao contrário,

cujas pontas culminam em dois saltos finos como exclamações, e ao passar os olhos por um calendário eletrônico sobre a mesa — sem que isso interfira na rigidez de sua pica apesar da aguda consciência despertada pela data — pensa: dezoito anos já?

Não que W19 esteja se masturbando. Não, exibe-se com distanciamento e discreta arrogância apenas para que o homem frua de seus contorcionismos e os utilize para atingir o clímax diante do computador, ai, que tesão, Dabliuzinha, coisa gotosa, dezenovinha, tesão, isso... dobra o corpo mais um pouco... mostra a buceta, assim, unha roxa hoje? isso, escrotinha, ajoelha, coisona! cuzinho... cuidado pra não quebrar o pescoço... isso, o grelinho, vai, abre mais a perna, bucetão, semana passada essa unha não era verde?, vou gozar, isso, áááá... gozei.

Um homem compreende que caminha para o abismo quando, ao procurar na gaveta lenços de papel para limpar o esperma que escorre pela mão direita depois da ejaculação — o que faz com pressa, receoso de que o toque do interfone e a voz da secretária o alertem sobre alguma reunião inesperada ou um compromisso antecipado —, vê no computador W19 desengatar o calcanhar da própria nuca e em seguida proferir, com risinho sádico, antes de desligar o Skype e interromper abruptamente a comunicação: “É hoje, Zé. Teu prazo acabou. É hoje que eu apareço na tua casa pra gente ter aquela conversa”.

2.

Há seis meses me apaixonei por um colega de trabalho. Resisto a chamá-lo de amante, embora tecnicamente não exista outra maneira de definir o personagem (*amante* é um substantivo inspirador que acabou vulgarizado numa definição meio brega, concorda?). Tem sido uma paixão trator como as

da minha juventude, aquelas que eu imaginava sepultadas com os pôsteres da Madonna, patins de botinhas, coração apertado, lágrimas inúteis, beijos úmidos no espelho e os orgasmos épicos sob o olhar atento de Tom Cruise no cartaz de *Top Gun* na parede do meu quarto. Ressalto *trator*, pois assim tento dissipar um pouco, e não consigo, a culpa por trair o Zé Roberto. Afinal são dezoito anos, e isso deve significar alguma coisa. Tipo que eu estou por aqui da instituição (quando você começa a chamar o próprio casamento de *instituição*, fodeu). Mas não quero passar uma imagem vulgar de mim mesma. Não estou pulando a cerca. Pular a cerca é coisa de homem. Pulam pelo prazer de pular, na busca efêmera da fodinha corriqueira (e também um pouco transcendente, não se pode negar, apesar da inveja) antes do jantar em família. Acontece que o Zé Roberto não é esse tipo de homem, o maridinho escroto padrão. Seria mais fácil se fosse. Nem eu sou assim, é importante que fique bem claro. *Eu não sou assim* foi das primeiras coisas que eu disse ao meu, fazer o quê, amante. *Eu não sou assim do jeito que tenho sido*. Sabe aquela confusa segura de si? Que frase horrível para dizer a um amante no momento em que ele tenta me desvencilhar da calcinha azul-turquesa. *Eu não sou o tipo de mulher que tem amante, viu? Acho amante um negócio brega. A palavra e o conceito*. Vacilou, uma frase dessas pode implodir uma história de amor. Ou esguichar água gelada num pau em admirável processo de expansão. Mas o Helinho gostou. Da frase e da calcinha.

3.

Meu pai diz que a minha geração não sabe conjugar os verbos na segunda pessoa do plural, o misterioso sr. Vós. Ele

ficou bolado outro dia quando cheguei em casa e perguntei pra minha irmã: Tu veio jantar hoje? Milagre! Tu veio uma ova, disse meu pai. Ou você veio, ou tu vieste. Então ele me mandou conjugar o verbo vir no pretérito perfeito: eu vim, tu vieste, ele veio, nós viemos, vós... Nessa hora meus pais arregalaram os olhos e minha irmã armou um sorrisinho sacana, todos cientes que eu ia falar uma barbaridade do calibre de um vós *viésteis*, porque o Vós é sempre o ponto crítico das conjugações, um buraco no meio da rua, e eu fiz suspense, como se estivesse em dúvida, mas eu sabia que é *viestes* porque por coincidência o Frank, que meus pais chamam de meu guru, tirando onda, mas que é só um amigo, ou mais que isso, um mestre no sentido em que um samurai usaria o termo, costuma cumprir as pessoas usando a segunda pessoa do plural. *Vós viestes, sobranceiro e fornido* é a primeira coisa que o Frank vai dizer logo que eu chegar na pedra do Arpoador, certeza. E agora, pedalando a Gisele pela ciclovia da praia de Copa, recebo a revelação divina de que a bike vai ser o transporte do futuro. Tudo parado, desde Bota até aqui. E quando o Aterro está parado e também Copa é porque o mundo parou. Posso ver Deus saindo de uma nuvem e dizendo a bike...aique...aique...aique é o futuro...uro...uro...uro. Porque Deus fala com eco, todo mundo sabe. E aposto que meus pais devem estar parados em diferentes pontos da cidade, imobilizados pelo trânsito, tentando voltar pra casa, estressados, sem ouvir a voz de Deus e seu excelso delay em três tempos. E eu ainda estou indo, mas com certeza já terei voltado quando meus pais chegarem em casa. E o que eu vou dizer quando vir os dois? Vós vos fodestes...destes...destes...destes.

4.

Um homem encontra enfim o abismo sentado no banco de trás de um táxi imóvel no meio de um congestionamento e começa a digitar em seu iPad o adiado diário, que, espera, não passe de um sintoma normal e inconsequente — embora meio ridículo, anacrônico e indicador de uma tentativa infantil de fugir de um problema urgente — de uma crise de meia-idade. E assim, querido — posso te chamar de *querido*, não posso? *querido diário* é um clichê irresistível —, o homem lembra que se masturbou há pouco no escritório enquanto testemunhava pelo Skype as acrobacias sexuais de W19 e rememora a ameaça, nada inconsequente, que se seguiu ao frêmito — olha o advogado arvorando palavras vistosas como *frêmito* — do gozo. Ele sabe que o congestionamento proporciona boa oportunidade de reflexão, e as perguntas que se coloca são basicamente:

Que merda eu estou fazendo?

Como fui cair nessa armadilha?

Onde eu estava com a cabeça, caralho?

À última pergunta ele reage, sem conseguir evitar um sorriso que mescla autoironia e amargor, com a constatação de que a resposta óbvia está contida na própria formulação, um tanto chula, da questão: estava com a cabeça no caralho, lógico.

5.

A vantagem de ficar parada num congestionamento é poder divagar em voz alta sobre o amante mesmo quando um sujeito com cara de fugitivo de Bangu 1 aparece de repente na janela do seu carro e oferece um copinho d'água com a delicadeza de quem detona uma metralhadora: “Água!! Água!! Agagagagágua!!!”.

“Que susto!”

(Uma metralhadora de língua presa e evidentemente um pouco gaga.)

“Não, obrigada.”

A desvantagem é imaginar que você vai chegar atrasada ao jantar de comemoração dos seus dezoito anos de casamento. No carro ao lado um maluco que gritava ao celular agora chora como um bebezinho faminto. Chego a sentir pena. Alguém poderia pensar que ele discutia com a esposa (olha eu, enxergando casamentos em crise em tudo quanto é canto) e que depois de expelir uma labareda de palavrões começou a chorar dizendo: “Não é nada disso, amor, estou descontrolado, desculpe...”. Pode ser. Mas acho que não, tudo não passa de uma reação emotiva ao trânsito. Um surto de stress de trânsito, só isso. Talvez ele esteja falando com seu psicanalista, desabafando, explicando que não aguenta mais ficar rotineiramente parado duas horas, imobilizado no meio da Linha Vermelha, angustiado, impregnado de sangue e formol depois de passar o dia ministrando aulas de dissecação de cadáveres na faculdade de medicina... Não, esse sujeito não tem cara de professor de dissecação de cadáveres (será que existe uma matéria com esse nome na faculdade de medicina?). Ele é careca e bochechudo, e usa óculos. Cara de gerente de supermercado. Opa, me olhou!

6.

Tudo começou há mais ou menos seis meses. E a história até que começou bem, inocente e edificante. Como o homem poderia não ter notado, entre as mensagens de seu e-mail, o pedido de W19 para que ele se juntasse a seus companheiros de Facebook, argumentando ser ela *também* fã dos Dead Kennedys

e de Erik Satie? Como assim *também*? Saberá W19 de antemão que o homem era fã dos Dead Kennedys e do Erik Satie? Como? Ele nunca foi de frequentar fã-clubes nem sites de relacionamento e tem ojeriza ao termo *redes sociais*. Difícil acreditar em coincidência, supondo não ser grande o número de pessoas que admiram igualmente o grupo punk californiano do final dos anos 1970 — cujo nome é um achado — e o excêntrico compositor erudito francês, Esotérik Satie, o genial gymnopedista, precursor, entre outros gêneros — sei que muitos discordariam —, do jazz. Mas com que intuito, então, W19 o abordava citando os Dead Kennedys e Erik Satie? Como conseguira seu e-mail? E quem, ou o quê, era W19 afinal de contas?

Evidentemente o Homem — *eu*, se o querido diário ainda não notou; é que certas coisas são mais fáceis de confessar na terceira pessoa — não aceitou a convocação de W19 para engrossar suas hostes de “amigos” virtuais no Facebook, já que aos quarenta e dois anos se considera um peixe fora d’água das redes sociais e agrupamentos, que lhe remetem à Turma do Balão Mágico, ao Clube do Bolinha, à *Hora do Recreio* ou a qualquer título que se refira grosso modo a assuntos infantis. Mas respondeu ao e-mail, declinando gentilmente do convite e ressaltando sua surpresa em encontrar — *pela primeira vez*, escreveu — alguém que gostava dos Dead Kennedys e também do Satie. Embora fosse mais fã dos Dead Kennedys na intemperança da juventude e a maturidade tenha lhe proporcionado a descoberta *cool* de Satie, terminou a mensagem confessando que suas obras preferidas dos citados artistas eram, respectivamente, *Holiday in Cambodia* e *Le Piccadilly*, uma peça não muito conhecida do francês. Por fim, despediu-se: *beijo, Zé Roberto*.

Beijo?

7.

O carequinha me olha, eu desvio os olhos e ligo o rádio. Rádio MEC, música clássica. É a rádio preferida do Zé Roberto, razão pela qual toda vez que ligo o rádio ouço violinos, pianos, tubas, fagotes e tímpanos. O que pode parecer estranho, levando-se em conta que quando conheci o Zé Roberto ele era fã dos Dead Kennedys. Rachmaninoff, concerto para piano número 2. Eu normalmente desligaria o rádio, detesto os locutores empolados da Rádio MEC, que falam como se tivessem couves-de-bruxelas entaladas na garganta, e optaria por um CD, Maria Gadú cantando *Ne me quitte pas*, mas não consigo evitar uma epifania ao ouvir Rachmaninoff e vislumbrar a baía de Guanabara ao longe. O vendedor de água com cara de bandido carregando a imaginária metralhadora gaga, uma prosaica caixa de papelão cheia de copinhos d'água, sumiu entre os carros. Mas ainda posso captá-lo, sob Rachmaninoff: “Água!! Água!! Agagagagágua...”.

8.

Vós viestes? Sobranceiro e fornido.

É assim que Frank me recebe no alto da pedra do Arpoador depois que travei a Gisele ao lado do quiosque do tiozinho gente boa.

Não disse que vinha?

Fiquei preocupado que você não chegasse. O trânsito...

Trânsito? Nenhum trânsito, tudo parado.

Frank dá uma risadinha.

Com a Gisele eu posso me locomover até no day after de uma hecatombe nuclear.

Frank dá outra risadinha e conclui como um juiz doidão: Bikeboy e as baratas. Os únicos que sobrarão pra contar a história!

Contornamos a pedra do Arpoador até o outro lado, o lado da grande revelação: o mar aberto e os ventos alísios chegando da África sem problemas de trânsito.

Experimenta isso, ele diz, me passando a bagana. Vejo um casal andando lá embaixo, nas pedras. Ó, alerta o Frank, fazendo um sinal com a cabeça na direção deles.

Limpeza. Turistas. Miou o bagulho do teu pai? Vai querer levar quanto?

Calma, deixa eu experimentar antes.

Experimenta, filhote. Experimenta.

Experimento. Experimento...to...to...to...to...to...to...

9.

Ela respondeu assim, dois dias depois:

A minha favorita dos Kennedys é “Too Drunk to Fuck”. Uma coisa óbvia que na boca do Jello vira uma sacada incrível! Rsrssrsrs... e do Satie, que um ex-namorado pentelho insistia em chamar de Chatí, nem preciso dizer por que terminei com ele, as minhas favoritas são os Noturnos. Para serem ouvidos à noite, claro, com uma vodca e um moleskine do lado. Bjs, W19.

Mais do que as escolhas — o Homem acha “Too Drunk to Fuck” primorosa, mas duvida que uma mulher possa compreender a essência da canção na mesma medida que um homem, e por uma razão óbvia, que ele, numa citação deslocada de *Um bonde chamado desejo*, define como Um Dado Chamado Ereção; e os *Noturnos* de Satie, que são muito bons, isso não se discute,

como tudo o que fez o incansável gymnopedista, mas que acredita fascinare uma mulher muito mais pelo título e pela sugestão que a palavra exerce sobre a mente feminina do que por suas qualidades propriamente musicais — o que chama a atenção do Homem no e-mail de W19, e o sensibiliza de forma inédita, descontando as presenças sedutoras da vodca e do moleskine, um caderninho que não sabe por que ele associa a lingerie, são as grafias absolutamente boçais de *Rsrrsrs* e *Bjs*, além da assinatura W19, que mais do que o nome de uma mulher lembra a marca de um polidor de alumínio ou graxa para sapato.

10.

A verdade é que a primeira trepada com o Helinho (ele diz “a foda”, eu digo “a transa”, “trepada” desponta como um meio-termo satisfatório; acho “foda” grotesco), embora tecnicamente medíocre, foi maravilhosa. Tensa, desajeitada e muito excitante. E engraçada. Eu ria como uma adolescente chapada de ecstasy. *Eu não sou assim, Helinho. Eu não sou assim!* Não quero (ainda) entrar em detalhes constrangedores como o grau de lubrificação da minha xota ou a rigidez do pau dele na minha boca, e as manobras incisivas da ponta da minha língua em sua pica não circuncidada (ao contrário da do Zé Roberto), ou a cara engraçada que ele fez enquanto gozava, e a cosquinha que me deu ser chupada pela primeira vez por um cara de bigode, mas o fato é que eu não ficava tão excitada e ao mesmo tempo experimentava um sentimento difuso de medo, ou culpa, desde a época do colégio, nos amassos com o Rubinho no carro do pai dele nos cafundós da Barra. Por que lembrar do Rubinho agora? Por isso eu não consigo meditar. Já tentei, mas não consigo. Sabe aquela iogue repassando mentalmente a lista do supermercado durante a

meditação? Os pensamentos me atropelam. O gorducho no carro ao lado, por exemplo. O gerente de supermercado com cara de professor de dissecação de cadáveres. Não, não estou dizendo que eu poderia amá-lo; ele não faz meu tipo. Não que eu tenha um tipo, não ligo se o homem é baixo, gordo ou careca. O Zé Roberto ainda tem bastante cabelo e sempre foi magro. Altura padrão. O Helinho também não é gordo. Nem careca. Pelo menos não *totalmente* careca. Basta que tenha, o que é isso, matéria da *Nova?*, bom humor e seja inteligente. Que horror. Virei miss depois de velha? Deixa eu começar de novo: o gorducho no carro ao lado, por exemplo. Será que ele está brigando com a mulher porque descobriu que ela ama outro homem? Ou argumenta com ela os sinuosos e específicos motivos que o levaram a amar outra mulher? Acho que não. Deve estar puto com algum problema na contabilidade da empresa. Os que amam de verdade não se estressam no trânsito.

11.

A partir daquele momento, do momento em que o Homem leu *Rsrssrs* e *Bjs* na mensagem de W19, apesar de considerar abreviações ciberespaciais a prova cabal — ainda preciso dizer que sou advogado? — da progressiva e inexorável imbecilização dos cibernautas, ele foi fisgado. Simples assim. Não que o Homem tenha tomado consciência disso imediatamente. Ou que tenha se apaixonado. Imagine! Não, teria achado ridículo. A princípio imputou a inédita simpatia pelos *Rsrssrs* e *Bjs* ao fato de eles representarem um contraponto besta, e por isso mesmo surpreendente, à erudição demonstrada por W19 ao observar frívolas peculiaridades nos Kennedys; não passou despercebido ao Homem o detalhe de *expertise* quando sua ciberinterlocutora se

referiu ao grupo punk californiano com um reduzido *Kennedys*. Alguém que não fosse uma *connaissanceuse* diria Dead Kennedys, assim como não cariocas chamam o Rio de *Rio de Janeiro*. Como uma nota dissonante à erudição, o Homem também se sensibilizou com o equivocado lirismo de W19, um lirismo meio infantilóide — e por isso mesmo tocante —, expresso nas menções ingênuas e charmosas à vodca e ao moleskine como companhias inseparáveis das audições dos *Noturnos* de — parafraseando o espirituoso gracejo do ex-namorado — *Chatí*.

12.

Não foram muitas as vezes em que eu e Helinho transamos. Sexo não é mesmo a ênfase do nosso caso. Eu e o Helinho nos apaixonamos, só isso. Sentimos tesão um pelo outro, claro, mas há algo de puro (e pueril) no nosso relacionamento. Medo? No começo, dizíamos: “*Eu estava tão bem, minha vida correndo tão legal e de repente me acontece essa paixão inesperada! Que presente do destino. Eu não queria isso. Eu não precisava disso*”. Há que se tomar cuidado com os *presentes de grego* do destino. *Destino* não é um conceito inventado pelos gregos? Então. O carequinha no carro vizinho está dando risada agora. Se eu entendesse de carros, revelaria o modelo, a marca, citaria a potência do motor, cavalos, cilindros, essa chatice toda que os homens adoram. Mas eu não entendo, carro pra mim é tudo igual. Depois de chorar e apoiar os óculos no console, o gordinho enxugou as lágrimas pressionando as mãos contra o rosto e começou a rir. Ele ri de olhos fechados, o que dá um aspecto meio cômico à sua expressão. Como se estivesse rezando, mas debochando da reza. Ou rezando uma reza que por alguma razão fosse engraçada (como quando vemos pessoas de outra religião

que não a nossa rezar). Ou entoando um mantra numa aula de ioga, mas meio constrangido, duvidando daquilo tudo. *Hare Rama...* Ele abre os olhos de repente, recoloca os óculos e me encara como se soubesse que o observo. O sorriso monalisa continua se destacando no meio do rosto gorducho, disputando com o olhar a minha atenção. Desvio os olhos novamente, o olhar dele me assusta. E o sorriso monalisa também. E fazem com que eu me sinta culpada, como se o estranho adivinhasse que estou apaixonada por um homem que não é o meu marido. Mas a culpa não resiste à paixão: tem coisa melhor do que estar apaixonada? Aquele nirvana fugaz que persigo distraída enquanto leio *As pontes de Madison* e ouço um disco do Coldplay, a respiração faltando e o coração em disparada quando Verônica, a chefe do nosso departamento, diz: “Alguém viu o Helinho por aí? Estou precisando com urgência daquele relatório sobre a dengue...”.

Se você quer saber (e mesmo que não queira), acho esse negócio de paixão inesperada o maior caô. Pensando em tudo que me aconteceu nos últimos meses, chego à conclusão de que alguma coisa já não ia bem no meu casamento com o Zé Roberto, embora eu não saiba exatamente o quê. Talvez o que *não ia bem* seja apenas o fato de *estarmos* casados. Louco, não? Não se assuste com o meu ritmo. Sou pilhada. Por isso é que às vezes acho essa paixão inesperada pelo Helinho um presente de grego. Haja fôlego. E ginseng. E aulas de spinning de manhã. No fim tudo acaba em rotina.

13.

Are you experienced? ...enced? ...enced? ...enced?

Qualquer um concorda que Jimi Hendrix merece três ecos em suas falas. Já seus solos transcendem o conceito de reflexão

de ondas sonoras e atingem o que meu pai chama de silêncio absoluto, o silêncio do ruído infernal, a surdez de Beethoven — para ser justo com o meu pai e não pensar nele só como o homem da segunda pessoa do plural, vós, vós, vós. Meu pai foi um puta de um maluco na sua época, e só porque agora é um advogado de meia-idade em crise existencial não deixa de queimar seu bagulhinho de vez em quando. Não é por outro motivo que estou aqui, na pedra, comprando a erva do Frank. Levou um tempo até que eu e meu pai entrássemos num acordo sobre essa questão. Adultos adoram *questões*. A questão da droga. A questão do sexo. A questão do isso ou do aquilo, Cecília Meireles. Será que estou virando adulto? Isola. Nosso acordo surgiu no momento em que descobri que meu pai fumava beques em casa, escondido da família. Dei um flagra nele no banheiro, em pé na privada, queimando o esplife e soltando a fumaça pela janela. A cara que meu pai fez ao ser flagrado? Hilário. Eu disse calma, pai, relax. Eu também fumo. Mas é o seguinte, tu tem que fumar do cultivado em casa, tá ligado?

Tu tem uma ova. Tu tens ou você tem. Verbo ter no presente do indicativo!

Eu tenho, tu tens, ele tem, nós temos, vós... vós...?

Tendes, puta que o pariu. Vós tendes. A educação foi pro saco neste país. Qual é a do cultivado em casa? Tens aí uma carinha? Não fale sobre nada disso com a tua mãe, hein?

14.

Os conhecimentos cibernéticos do Homem nunca ultrapassaram os rudimentos de um iniciante esforçado, e isso graças às dicas e à imensurável paciência de dois especialistas, seus filhos Claudinha e Rodrigo. Claudinha, sempre mais solícita e cari-

nhosa, como é da natureza das filhas, embora sua insistente sonolência denotasse mais de uma vez um explícito saco cheio com a incompetência do pai em lidar com telas e conceitos novos como o Twitter. *O quê? Twist?* Lamentável. E Rodrigo, um lacônico em essência, apesar da grande admiração que expressa pelo pai, e com quem, imagine, já fuma uns baseados de vez em quando sem a mamãe saber, não consegue às vezes evitar um “Porra, pai, se liga!”.

Nos primeiros contatos, o Homem procedeu sem a ajuda dos filhos, já que domina plenamente a complexa arte de enviar e responder e-mails:

W19, como você descobriu meu e-mail? E como você sabia que eu era fã dos Kennedys e do Satie? E como ME descobriu? Enfim, quem é você, W19? Beijo, Zé Roberto.

Afora a insistência desse suspeito *Beijo* com que dera para finalizar suas mensagens a W19, o Homem agia com certo distanciamento, como convém a um advogado de renome e homem equilibrado, embora a evidente curiosidade sugerisse um sutil descontrole emocional. As primeiras respostas, sempre evasivas, deixaram claro que um jogo de natureza desconhecida — ou, pelo contrário, conhecidíssima — se insinuava ali:

Rsrsrcrsrs! Tá curioso, é? Acho que eu tenho um sexto sentido pra encontrar fãs dos K's e do Éric Alfred. E quem sou eu? A W19! É só me procurar... Bjs!!!

E foi assim que o Homem, incitado por tantos *Rsrsrcrs* e *Bjs* — sem deixar de notar o K's com que W19 se referiu aos Kennedys, e a alusão a Éric Alfred, o nome completo de Erik Satie era Éric Alfred Leslie Satie —, buscou o auxílio dos filhos para se

aventurar, sem que eles desconfiassem com que finalidade, pelo mundo fantástico, e para ele desconhecido, dos Orkuts, Facebooks, Twitters, Instagrams e outras imprescindíveis e fugazes bobagens contemporâneas.

15.

Helinho é um especialista em dengue e gosta de divagar sobre peculiaridades como a frase do dialeto swahili (*ki dengu pepo!*, olha os maus espíritos atacando!) que originou o termo como é conhecida a enfermidade causada pelo arbovírus *Flaviviridae*, o popular Flavinho, como o chamamos carinhosamente no departamento. Flavinho é foda. Vírus categoria PP, o Pegador Predador: não sossega enquanto não te leva pra cama e te estronda. Muitas vezes tal compulsão viral é acompanhada de uma morbidez incurável, considerando-se que muita gente morre ao entrar em contato com Flavinho PP em sua forma, digamos assim, hemorrágica. Flavinho PP não parece nome de traficante? Faz sentido. Tudo isso com a inestimável ajuda do mosquito *Aedes aegypti*, se chamar por *Aedes albopictus* ele também responde, ou melhor, da mosquita (Edinha, no departamento, ou MPG, Muquitufa Pega Geral), já que apenas as fêmeas transmitem a doença. O macho, não afeito a sangue humano, vegetariano e mais evoluído numa escala “budista” de vida, só se alimenta da seiva de plantas. Além disso, Helinho é um grande fã do Osvaldo Cruz, o superepidemiologista brasileiro do início do século xx, aluno brilhante do Instituto Pasteur de Paris, discípulo do venerável Monsieur Émile Roux, Osvaldo, o bonitão de fartos bigodes e cabeleira impecável de tons grisalhos que lhe asseguraram gravidade, competência, charme e autoridade (imagine o Antonio Fagundes no papel)

para fundar o Instituto Soroterápico Federal, que daria origem à atual Fiocruz, liderar e organizar batalhões de “mata-mosquitos” e convencer o presidente Rodrigues Alves a decretar vacinação obrigatória. A consequência disso foi a Revolta da Vacina: as pessoas se indignaram com a invasão de suas casas para a eliminação dos mosquitos e a aplicação de vacinas à força, apesar de o Rio de Janeiro ser uma das cidades mais sujas do mundo na época (na época?).

16.

As buscas pelos labirintos luminosos da internet levaram o Homem a se deparar com algo mais complexo que uma esfinge. Esfinges são coisas do passado, afinal, ruínas em desertos distantes em que se travam batalhas por território e domínio de petróleo. No Facebook, W19 era mais que uma esfinge: uma foto intrigante, gostosinha pra cacete, de uma menina de dezenove anos.

Era assim que ela se apresentava em seu “perfil” cibernético: W19. Só isso. Nem um nome ou sobrenome. A foto mostrava uma garota morena com rostinho infantil, embora o semissorriso denotasse ambiguidade e... perigo! Cabelo curto, piercing no supercílio esquerdo, peitinhos quase inexistentes sob uma camisetinha baby look que não exibia uma foto dos Dead Kennedys, mas o rosto debochado de Satie emoldurado por papoulas roxas numa referência explícita à pop art dos anos 1960, bermudinha jeans da qual despontavam pernas longilíneas — o Homem tem um fraco por shortinhos jeans —, tudo nela evocava uma ereção instantânea, e foi o que aconteceu, o advogado, olhando o computador em sua sala no intervalo entre uma reunião e uma ida ao fórum, ficou de pau duro e teve de

disfarçar quando Dreyfuss, seu chefe, entrou na sala para gozá-lo por causa da derrota do Fluminense na noite anterior.

Nos dias que se seguiram à descoberta do perfil de W19 no Facebook, o Homem, nos poucos momentos de folga que lhe proporcionava o trabalho, já não tão desconcentrado pela incômoda ereção, prestou atenção nos textos com que W19 indicava o que seriam pistas de sua personalidade numa espécie de confessional virtual denominado *about me*: havia ali um trecho de um poema de Rimbaud que atingiu o coração do Homem como uma estaca de madeira...

Queridinho — *queridinho*? o advogado perde a compostura? —, interrompo, ou o Homem interrompe, a confissão, pois uma moça bate à janela do táxi no meio da pasmaceira do congestionamento.

“Não tem esmola, não”, diz o motorista, embora a moça bata à janela do Homem, no banco de trás.

“Não quero esmola!”, ela diz, olhando fixamente os olhos do Homem. Um olhar, diga-se, que lhe causa arrepio talvez pelo medo de que a moça lhe roube o iPad. “Quer ler a mão?”

“Uma cigana”, diz o motorista. “Já vi de tudo aqui, puta, travco, mendiga, ladrona, vendedora de água, de biscoito, de maconha, usuária de crack. Cigana eu nunca tinha visto. Deve ser o aquecimento global.”

O Homem não compreende exatamente o que o motorista quer dizer com isso, já que não vê relação entre o aquecimento global e o fato de uma cigana se oferecer para ler sua mão num congestionamento nas pistas do Aterro. Sua hesitação, no entanto, é interpretada como recusa pela cigana, que segue caminho entre os carros oferecendo seus serviços a outros motoristas e passageiros. O Homem vira o rosto e acompanha a moça se distanciar, e percebe que ela se parece com uma menina sérvia — ou croata, ou báltica — que ele viu há muito tempo

numa foto num livro de Sebastião Salgado. Por um momento o Homem se arrepende por não trazer consigo sua velha câmera fotográfica Canon, como fazia antigamente, ele que gostava de fotografar prostitutas, bêbados, travestis, turistas e mendigos nas madrugadas de Copacabana e chegou a fazer uma exposição dessas fotos num centro cultural do bairro no comecinho dos anos 1990. A cigana no congestionamento daria uma boa foto, conclui o Homem, nostálgico.

17.

Eu e Helinho somos biólogos e trabalhamos numa fundação científica voltada à pesquisa biológica e mantida por um consórcio de empresas privadas e laboratórios multinacionais. O grande mecenas e provedor principal de nossos “recursos” é um milionário americano de quem sabemos pouco além do nome, Jefferson B. Cozan. Não me pergunte a que se refere o B, às vezes penso que Mister Cozan colocou esse B entre o Jefferson e o Cozan só para criar uma pausa, ou um efeito poético, b de *bee*, por exemplo, mas deve ser viagem minha. Mister Cozan, Jeff para os chegados, vive em Seattle, como dois entre três milionários americanos, tem negócios no Vale do Silício e é fascinado pela Amazônia, onde, dizem, possui muitas terras. Ele é o típico milionário contemporâneo, mais um desses inspirados na figura emblemática de Steve Jobs: jovem, empreendedor, socialmente consciente, sempre meio jogador, jeans furado, iPad debaixo do braço, já começando a ficar grisalho em seu longo cabelo e na impecável barbinha de três dias. Um milionário pós-hippie neoecológico e excêntrico cuja obsessão principal é o combate às doenças tropicais. O que se comenta na fundação é que Cozan é um hipocondríaco nível máximo, da estirpe de

um Howard Hughes ou de um Michael Jackson, e que espera a erradicação das doenças tropicais para realizar seu sonho de milionário *weirdo*: viver no meio da selva, peladão, sabe-se lá fazendo o quê, talvez pulando de galho em galho com cipós, como Tarzã, enquanto ouve antigas bandas grunge no iPod. Outra de suas peculiaridades é empregar basicamente mulheres, só contratando homens quando são especialistas sem concorrência entre as mulheres (caso do Helinho). Eu já trabalho ali há cinco anos, mas o Helinho veio de São Paulo e começou a trabalhar na fundação há mais ou menos uns dois, se tanto. Só para ficar no terreno das coincidências significativas, Oswaldo Cruz também era paulista e veio ao Rio realizar sua “obra”. Confesso que o Helinho me pareceu um tanto desconjuntado no começo, paulista demais, um pouco gay até (deve ser o bigode). Mas sempre achei um charme o jeito paulista do Helinho falar. Só tem uma coisa que eu não engulo, eu e as meninas do departamento: Paulista fala maiô em vez de sunga, o que é insuportável. *Chica, vamos dar um mergulho? Tô de maiô por baixo da roupa*. Mas isso foi no começo, agora o Helinho não fala mais maiô. Já é quase um carioca, meu. O Helinho é mesmo uma gracinha, uma coisa. Carinhoso, atencioso, gentil, delicado, sempre me olhando com um olhar farol alto, sabe? Iluminando meu caminho, com versos de Roberto Carlos soando no meu cérebro, motel, rosas vermelhas, calcinha molhada, língua na orelha, eu te amo eu te amo eu te amo. Continuo apaixonada pelo Helinho mesmo depois de ele ter me dado um CD do Wando no Dia dos Namorados. Isso não quer dizer, evidentemente, que eu queira terminar meu casamento com o Zé Roberto para ficar com o Helinho. Claro que não.